

Renata Nazario Lopes

Sob a luz do sonho americano: uma análise de O Grande Gatsby de Scott Fitzgerald

Projeto apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito para a obtenção de título de bacharelado em História, pelo Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Lauro Ávila

São Paulo

2023

Em 2012 o Conselho de Assessores Econômicos, uma agência norte-americana vinculada à Casa Branca, fez uma apresentação ao então presidente da época Barak Obama. O objetivo dessa apresentação era mostrar os resultados de vários estudos econômicos indicando que a desigualdade social era um obstáculo para as pessoas melhorarem de vida. Essas pesquisas se apoiavam em dados que desmontavam os dogmas da meritocracia. As evidências começavam a explicar o que se via na prática: que o sonho americano era só algo inventado.

Mas o que é esse sonho americano? Como que ele se tornou esse ethos nacional e acima de tudo o porquê esse sonho é uma farsa?

O seguinte trabalho tem como objetivo analisar o sonho americano tomando como base o romance *O Grande Gatsby*, de Scott Fitzgerald assim como seu contexto histórico, a década de 1920, época em que o romance foi escrito até a grande depressão de 1930.

A literatura é uma alternativa para fonte histórica que consegue capturar muito bem a mentalidade de uma sociedade em determinada época sendo um meio muito interessante de se analisar a sociedade de certa época e como acontecimentos que já estavam pairando no ar são retratados mesmo sem a consciência do autor.

A metodologia adotada para esse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, usando como base para analisar o contexto histórico o livro *Os Americanos*, do historiador Antonio Pedro Tota e o livro *Estas Verdades* de Jill Lepore e para analisar o romance *O Grande Gatsby*, usei como referência a monografia *The Great Gatsby: O despertar de um sonho inconcebível* da Amanda Cristina da Silva, bacharel em letras pela UNESP e o artigo *À luz do american dream: a figuração do personagem em The Great Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald de Ernani Hermes.

No primeiro capítulo: *Os Loucos anos 20* narra toda a década de 20 e as mudanças e os dilemas que foram trazidas com ela, já no segundo capítulo: *Os anos pintado de dourado – a crise de 29*, vai retratar o final da década de 1920 e um dos piores momentos da história americana a quebra da bolsa de Nova York, no terceiro capítulo: *O New Deal* vai retratar os anos 30 e o governo de Franklin Roosevelt, o capítulo quatro: *O Grande Gatsby* vai começar a falar sobre o romance, o capítulo cinco: *Símbolos presentes na obra* vai falar sobre os símbolos que estão presentes na obra, o capítulo seis: *Nick Carroway um narrador não confiável* vai falar sobre qual é o narrador utilizado na obra e qual é o seu papel para a crítica ao sonho americano,

o capítulo sete: Temas á la Gatsby vai falar sobre os temas presente dentro da obra inclusive o sonho americano e por fim o capítulo oito: Jay Gatsby o representante do sonho americano vai falar sobre o sonho americano e o seu representante na obra.

1. Os Loucos anos 20

A década de 1920 foi de grande prosperidade para os EUA, o país sai da primeira guerra mundial como uma potência mundial e com uma sociedade cada vez mais consumista.

Ainda em meio a Primeira Guerra Mundial os EUA ampliaram os poderes de Estado reorganizando a relação entre governo federal e as empresas e estabelecendo novas formas de cooperação, supervisão e regulamentação, criando assim um estado de bem-estar para os empresários. O governo passou a exercer novos formatos de autoridade sobre a população, como por exemplo dando início a uma campanha de doenças venéreas, o que acabaria se tornando um tópico de ordenanças militares, e a proibição do álcool, a Lei Seca foi aprovada pelo Congresso em dezembro de 1917, primeiramente como medida de guerra, porém irá perdurar por toda a próxima década até 1933.

Após a Primeira Guerra Mundial os EUA saem praticamente intocados da guerra que devastou o continente europeu. Enquanto os EUA perderam 116 mil soldados, a França perdeu 1,6 milhão de vidas, a Grã Bretanha 800 mil e a Alemanha 1,8 milhão. A Europa também contraiu muitas dívidas com os EUA, antes da guerra os EUA deviam 3,7 bilhões aos estrangeiros, porém depois da guerra a Europa devia aos americanos 12 bilhões de dólares tornando próspera a economia americana.

Para a Alemanha a grande perdedora da guerra, os americanos fizeram dois planos que foram aprovados já na década de 20, o primeiro sendo o plano Dawes, um plano provisório para viabilizar o pagamento das dívidas que a Alemanha tinha decorrente do Tratado de Versalhes.

O comitê que foi composto para aprovar esse plano contava com dez representantes, sendo eles dois dos seguintes países: Bélgica, França, Grã Bretanha, Itália e Estados Unidos. O acordo aprovado em agosto de 1924 consistia em: A evacuação da região do Ruhr pelas forças francesas, o pagamento das indenizações que começaria em 1000 milhões de marcos e aumentaria num período de 4 anos até

atingir 2500 milhões de marcos anuais, o Bando Central da Alemanha, Reichsbank, seria reorganizado sob supervisão aliada, o empréstimos estrangeiros, principalmente dos EUA, seriam disponibilizados para a Alemanha e a fonte para as verbas de reparação deveriam incluir impostos sobre transportes, mercadorias e taxas alfandegárias.

A Alemanha incapaz de recusar aceitou o plano e ele entrou em vigor em setembro de 1924, o plano foi capaz de conseguir reconstruir a Alemanha de forma efetiva após a Primeira Guerra e estabilizou a economia e a moeda alemã porém a tornou dependente de mercados externos e frágil em relações a crise na economia americana (crise de 1929), os pagamentos duraram até 1929 quando se notou que os valores eram insustentáveis para a Alemanha e foi substituído pelo Plano Young.

O Plano Young foi criado em agosto de 1929 e adotado em 1930, esse plano estabeleceu a soma de reparação alemã para um total teórico de 132 bilhões e um total prático de 50 bilhões de marcos de ouro.

O plano ainda reduziu os pagamentos adicionais em cerca de 20 por cento e dividiu o pagamento anual, estipulado em dois bilhões de marcos de ouro em duas partes: uma parte incondicional, igual a um terço do valor, e uma parte postergável, igual aos dois terços restantes, que incorreria em juros e seria financiado por um consórcio de bancos de investimento americanos coordenado pelo Grupo JP Morgan.

Entre 1920 e 1933 os EUA foram governados pelo partido republicano. Em 1920, Warren G. Harding, candidato do partido republicano, venceu com facilidade James Cox, candidato do partido democrata. Nessa época os Estados Unidos estavam passando por uma onda de conservadorismo como se pode nesse trecho do livro *Essas verdades* de Jill Lepore:

“O idealismo e o internacionalismo de Wilson tinham chegado ao fim, bem como o período das reformas. Harding foi conduzido à Casa Branca por uma maré de conservadorismo, uma reação às reformas progressistas que os conservadores enxergavam como uma traição aos princípios fundadores da nação, em especial à Constituição.” (Lepore, 2018, p. 448)

Harding tomou a eficiência como seu lema e nomeou para seu ministério um grupo de empresários conservadores, sendo assim o Estado teve pouca participação

nas atividades econômicas. Esses empresários comandaram o governo durante os anos mais prósperos da história americana.

Com esses empresários no comando entre 1922 e 1928, a produção industrial cresceu 70%, o produto interno bruto cresceu quase 40%, a renda per capita foi para 30% e o poder de compra para 22%.

Como secretário do tesouro, Harding indicou Andrew W. Mellon, um industrial e filantropo e o quarto homem mais rico dos Estados Unidos. Mellon tinha uma proposta de corte de impostos e que com esse corte se reduziria os custos da habitação e os preços, além de aumentar o padrão de vida e criar empregos. Para que sua política tributária caísse no gosto da população ele teve ajuda da Liga dos Contribuintes Americanos, que antes era conhecida como a Liga dos Banqueiros Americanos e de membros de sua própria família, que patrocinava, fornecia o material impresso e pagava as contas dos clubes fiscais dos estados que em troca iam até o Congresso testemunhar reivindicando os cortes nos impostos.

Sob o seu mandato o Congresso aboliu o imposto sobre o lucro excedente, reduziu o imposto sobre heranças, isentou os ganhos com capital do imposto de renda e estabeleceu para ele uma alíquota máxima.

A administração de Harding batizou seu plano econômico de “um retorno à normalidade”. Seu projeto político consistia em uma campanha contra a imigração, e seu projeto cultural, um movimento estético conhecido como Renascimento Colonial. Tanto o seu projeto político quanto o seu projeto cultural olhavam para dentro e para o passado, inventando e celebrando uma herança americana, de um passado que nunca aconteceu.

Na década de 20 os Estados Unidos tinham se modernizado muito, mas também viraram uma nação cada vez mais voltada para ela mesma. Antes da guerra a maior parte do mundo industrializado seguia uma política de fronteiras abertas tanto para pessoas quanto para mercadorias, porém com a guerra e os termos do tratado de paz especialmente para a Alemanha puseram fim a essa política.

Um dos medos dos conservadores americanos era o comunismo, alimentando assim o red scare (terror vermelho), segundo a KKK a Revolução Russa desviaria os americanos da democracia e poderia destruir a propriedade. Esse medo do comunismo vai continuar pelas décadas seguintes até 1989.

Outro medo, principalmente dos conservadores, era dos imigrantes. Em 1921 e 1922, Hardin e o Congresso aumentaram os impostos sobre a importação e em 1921 e em 1924 impuseram restrições sobre a imigração.

Em 1924 o Congresso aprova a Lei da Imigração, ela tinha duas partes: uma Lei de Exclusão de Asiáticos que estendia a Lei de Exclusão de Chineses de 1882, dessa forma baniu imigrantes de qualquer nação asiática, e uma Lei de Origens Nacionais, que restringia o número máximo de imigrantes europeus para 150 mil por ano e estabelecia uma quota tornando o número de novos imigrantes proporcional à sua representação na população já existente no país.

Essa lei acabava sendo uma aplicação prática da lógica eugenista do livro *A derrocada da grande raça*, de Madison Grant. O objetivo do sistema de quotas era acabar com a imigração vinda da Ásia e restringir a admissão de novos imigrantes europeus vindos do Sul e do Leste, considerados inferiores aos imigrantes de outras partes do continente.

Os Estados Unidos estavam produzindo intelectuais eugenistas desde a década passada, o que se estava vendo na década de 20 era realmente a aplicação de algumas dessas teorias. No romance *O grande Gatsby*, o autor dá um pequeno vislumbre sobre como o eugenismo estava se espalhando pelo Estados Unidos, principalmente nas classes mais altas:

“- A civilização está aos pedaços – irrompeu Tom violentamente – Eu me tornei terrivelmente pessimista quanto às coisas. Você leu *A ascensão dos impérios de cor*, desse sujeito chamado Goddard?

- A ideia desse livro é que nós somos nórdicos. Eu sou, e você é, e você é e... - Depois de uma hesitação ínfima, ele incluiu Daisy com um ligeiro aceno e ela piscou de novo para mim – E fomos nós que produzimos tudo o que é importante para a civilização. Ah, a ciência e a arte e tudo isso. Entende?”
(Fitzgerald, 1925, p 42-43)

Se entende que o livro que Fitzgerald faz referência é o *A maré crescente da cor* de Lothrop Stoddard um eugenista e supremacista branco, o autor sugeria leis contrárias à imigração e à miscigenação e reescreveu a história americana como se

fosse a história dos brancos além de influenciar conceitualmente o governo nazista alemão.

Era como se as Lei de Imigração de 1924 a ideologia racial das Leis de Jim Crow fosse estendida para europeus, povos nativos (ao considerarem como brancos e assim qualificados para a cidadania), os asiáticos e mexicanos (ao colocá-los como não brancos e assim não qualificados para a cidadania). Esse regime teve apoio de uma segunda Klu Klux Klan que surgiu em 1915 e na década de 1920 tinha 5 milhões de membros, eles atacavam judeus e católicos com a mesma veemência da que perseguiram negros e imigrantes. Segundo Antonio Pedro Tota em seu livro, Os Americanos, os Estados Unidos pareciam ser na verdade dois, um cosmopolita, dinâmico e moderno e outro conservador, de mente fechada e com religiosos fanáticos.

“Na verdade, era como se houvesse dois países: um urbano, cosmopolita, representado pelos artistas, intelectuais, músicos de jazz, por teatros, museus e universidades, que pregavam a total liberdade dos costumes. O outro, conservador, religioso, xenófobo, racista, representado pelos moradores das pequenas cidades e por religiosos fanáticos” (Tota, 2009, p. 143)

Durante a década de 1920, os Estados Unidos viveram um ápice de crescimento econômico, e parecia que o sol nunca ia se pôr para os EUA, a fé dos americanos no progresso se transformou em uma fé na prosperidade, impulsionada pelo consumismo onde se vendia tudo, e de tudo para um mercado ávido por produtos novos seja lá ele qual fosse.

Os jovens, principalmente os ricos, apreciavam a vida como se ela fosse acabar amanhã. Em 1929 os EUA respondiam por 42% da produção mundial sendo que a Grã Bretanha, a França e a Alemanha juntas produziam 28%. A produção de aço e a receita das companhias ferroviárias estavam em alta e a Bolsa de Nova York batiam recorde atrás de recorde. Era o American Way of Life, o Sonho americano que não só era seguido e desejado dentro dos Estados Unidos como também foi importado para o mundo todo.

2. Os anos pintado de dourado – a crise de 29

“Nós, aqui nos Estados Unidos, estamos, hoje, mais próximo do triunfo final sobre a pobreza do que qualquer outro país jamais esteve” (Hoover em seu discurso ao aceitar para concorrer à presidência, 1928)

Foi o que Hebert Hoover disse no verão de 1928 ao aceitar a indicação dos republicanos para a presidência dos Estados Unidos. No final da década de 1920 os americanos tinham uma sensação de otimismo que parecia não ter limites, todos os dias o preço das ações aumentava. Em novembro de 1928 quando Hoover foi eleito presidente, o mercado de ações desfrutava de uma alta recorde fechando em média com valores três vezes mais alto do que os de 1918 e duas vezes mais alto que em 1924, parecia que os anos dourados estavam de volta.

Com o mercado de ações em todo vapor muitas pessoas acabaram migrando para as grandes cidades para trabalhar com ações, como é o caso do narrador do livro *O Grande Gatsby* que sai do Meio Oeste em direção a Nova York para trabalhar na bolsa. Além disso muitas pessoas compravam ações, em 1929, 25% das famílias americanas possuíam ações, um número muito mais significativo do que os 1% da geração anterior.

Na noite de 21 de outubro de 1929 parecia que o sol tinha se posto de vez para os Estados Unidos, Tota diz em seu livro que:

“Há (...) como que uma alternância na história dos americanos: ciclos de humilhações e recuperação. Depois de cada ciclo, crescia o orgulho e, por que não, a soberba, forjados em têmpera cada vez mais resistente.” (Tota, 2009, p.56)

Mas parecia que a Crise de 29 estava mais para uma humilhação sem fim do que apenas um ciclo. Naquela noite o rádio trouxe a notícia de que as ações da Bolsa de Nova York tinham começado a cair e por um segundo o mundo prendeu a respiração.

A depressão já assolava a Europa desde 1928 em consequência dos acordos políticos firmados após a Primeira Guerra Mundial. Porém antes do outono de 1929 isso parecia impensável de recair sobre os americanos. Em três semanas depois daquele 21 de outubro o índice Dow Jones despencou de 326 para 198. Em 29 de outubro foram vendidas mais de 16 bilhões de ações. As ações perderam quase 40% de seu valor. Em um primeiro momento o mercado reagiu, em março de 1930 as ações na Dow Jones haviam recuperado quase 75% do seu valor perdido. Mesmo

diante dessa melhora a economia oscilou loucamente até desmoronar e no final da primavera o preço das ações tinham voltado a abaixar, instalando uma depressão.

Parecia até um castigo pela década de exageros e liberdade: exagero nas bebidas, apesar da Lei Seca, exagero nas festas e principalmente exagero no consumo. Só naquele ano quase um milhão e meio de famílias americanas possuíam geladeiras em suas casas, 4,5 milhões de carros foram comprados e quase cem bilhões de quilowatts era consumido por fábricas e residências.

Entre 1929 e 1932, um entre cada cinco bancos faliu. O desemprego cresceu rapidamente, subindo de 9% em 1930, para 16% em 1931 e para 23% em 1932. A renda nacional em 1932 caiu para 41,7 bilhões sendo que em 1929 a renda era de 87, 4 bilhões de dólares. Em muitas residências a renda familiar chegou a zero e um em cada quatro americanos ficou sem comida. As pessoas também estavam perdendo as suas casas e indo morar em barracos que logo receberam o nome de hovervilles, em a alusão ao presidente por não conseguir tomar medidas adequadas para combater a depressão.

As fábricas acabaram fechando; as fazendas foram abandonadas pelos seus donos. Nem mesmo o clima estava ajudando os americanos já que uma seca assolou as planícies, deixando o solo estéril semeando somente o desespero e colhendo a morte. Escolas tiveram suas portas fechadas, crianças começaram a ficar cada vez mais magras, e os bebês morriam em seus berços. As famílias do campo, que haviam perdido suas terras para as dívidas e para a seca, começaram a ir para o oeste, levando tudo que conseguiam carregar em calhambeques empoeirados. O experimento da democracia que havia começado na independência dos EUA parecia estar prestes a fracassar.

Hoover conduziu o país quando houve a quebra da bolsa, porém quando a Grande Depressão começou sua posição foi a de esperar que ela passasse enquanto tentava acalmar a população, ele acreditava na caridade, mas não em auxílio governamental, ele dizia que se os EUA fornecessem ajuda a nação “mergulharia no socialismo e no coletivismo”.

Quando finalmente Hoover fez alguma coisa foi para cortar de vez os laços com a Europa, com a lei que convenceu o Congresso a aprovar chamada Lei Tarifária de 1930. Como consequência dessa lei os outros países também aprovaram suas próprias legislações comerciais restritivas. Dessa forma as importações

americanas despencaram, indo de 4,4 bilhões de dólares de produto em 1929 para 3,1 bilhões de dólares em 1930, logo depois as exportações americanas também diminuíram.

Como Taylor Swift disse em sua música “this is me trying” talvez os anos 20 estavam tão à frente da curva, que a curva se tornou uma esfera, a esfera da Grande Depressão. Segundo Tota a Depressão destruiu o mito da autoconfiança e da superioridade do americanismo, sendo talvez a época em que os americanos botaram mais em cheque os seus mitos fundadores:

“A Depressão destruiu o mito da auto confiança e da superioridade do americanismo, tão caro e fundamental às grandes corporações para justificar e não interferência do governo nos negócios privados” (Tota, 2009, p.146)

3. O New Deal

Porém havia uma luz no fim do túnel, Franklin Delano Roosevelt uma figura excêntrica e um tanto quanto afetada falava com a população americana pela rádio de uma forma íntima e descontraída dando a impressão de ser uma pessoa culta, paciente, amigável e com firmeza de propósito.

Nascido em Hyde Park, admirava muito o seu primo distante o ex-presidente Theodore Roosevelt chegando a imitar os seus passos indo para a política. Foi eleito para o senado estadual em 1910, aos 28 anos, como representante dos democratas diferentemente de seu primo que sempre foi do partido dos republicanos, três anos depois Woodrow Wilson o indicou para o cargo de secretário-assistente da marinha. Em 1920 chegou à posição de candidato a vice presidente, porém no ano seguinte parecia que sua carreira política havia chegado ao fim já que tinha contraído poliomielite e não conseguia mais andar.

Roosevelt foi escolhido para ser o candidato democrata para concorrer contra a reeleição de Hoover para presidente dos Estados Unidos. Em novembro de 1932 Roosevelt derrotou Hoover por 27 milhões de votos, quase o dobro de seu oponente e vencendo em 42 de 48 estados.

Jill Lepore explica essa vitória estrondosa de Roosevelt:

“A explicação mais óbvia era o fato de o público culpar Hoover pela Depressão. Mas havia outros motivos. A eleição de Roosevelt também inaugurou um novo sistema partidário, uma vez que democratas e republicanos se reorganizaram em torno do que viria a ser chamado de “coalizão do New Deal”, que uniu os trabalhadores de colarinho azul, os fazendeiros do sul, as minorias raciais, os intelectuais liberais e, até mesmo, os industriais e – de maneira ainda mais curiosa – as mulheres.” (Lepore, 2018, p. 477-478)

O New Deal já vinha sendo falado por Roosevelt desde sua candidatura, tal programa tinha semelhanças com os programas que estavam sendo postos em prática tanto na Europa como na América Latina, que consistia na intervenção do Estado para o bem da sociedade e agora que ele tinha chegado na presidência de um navio prestes a afundar ele precisaria cumprir o que ele mesmo disse que era “um novo acordo para o povo americano”. Tota diz em seu livro que esse foi o jeito que o presidente arranhou para salvar o American Way of Life:

“O New Deal foi o instrumento político utilizado pelo presidente democrata para salvar o american way of life. Se na década de 1920, a paranoia americana era o perigo externo comunista, o chamado red scare, agora o medo era a Depressão, o desemprego, a fome, o futuro incerto. A Depressão balançou os velhos mitos americanos, os sonhos, a crença fervorosa da classe média nas virtudes do trabalho duro e da perseverança para se atingir o sucesso. Um mundo parecia esvanecer-se. A vergonha de ser americano pareceu tomar conta de parte do país e, repetindo, parecia ser impossível prever ou planejar o futuro.” (Tota, 2009, p. 149)

Roosevelt realmente tomou posse em 4 de março de 1933, o primeiro passo de seu plano foi com os bancos. Assim que foi empossado Roosevelt fechou os bancos e declarou um feriado bancário de quatro dias. A situação dos bancos não era nada boa, a taxa de falência tinha chegado ao ponto mais alto da história e milhões de pessoas haviam perdido o seu dinheiro. A Bolsa de Valores de Nova York e a Bolsa de Mercadorias de Chicago haviam suspendido seus pregões assim como bancos de

outros 32 estados haviam fechado, os estados que ainda tinham bancos abertos, os clientes só podiam sacar 5% de suas economias.

Proibiu os pagamentos em ouro e os bancos só poderiam reabrir quando suas finanças estivessem estáveis, o que ocorreu no começo de abril quando os bancos já estavam recebendo depósitos no total de mais de um bilhão de dólares.

Ao tomar essas medidas ele ganhou ainda mais a confiança do povo, e ficava cada vez mais popular pelo seu programa de rádio.

No Congresso Roosevelt conseguiu aprovar uma série de leis criadas em cima da hora e que tinham como objetivo estabilizar e reformar o sistema bancário, regulamentar a economia por meio de um planejamento governamental, oferecer ajuda econômica por meio de programas de assistência pública, reduzir o desemprego com a implementação de um programa de postos de trabalho públicos e garantir melhores recursos para a população rural, para que fazendeiros mantivessem suas terras. Entre as reformas bancárias estavam a Lei de Emergência Bancária; a Lei Glass-Steagall, que instaurou a Corporação Federal de Seguros de Depósito e a criação da Comissão de Valores Mobiliários.

Os Cem Dias, nome que foi dado para os primeiros três meses de governo ficou claro que o país estava sob o controle de um grupo que estava disposto a fazer mudanças radicais. O New Deal era um slogan que fazia jus ao nome, tudo era novo e rápido.

Para as pessoas que moravam no interior as coisas também estavam difíceis, principalmente na área do Cinturão do Algodão, que era onde a maior parte dos problemas enfrentados pelos moradores da área rural enfrentava.

A crise tinha jogado a renda per capita do agricultor americano lá para baixo, passando de 162 dólares para em apenas dois anos 48 dólares. Os preços dos produtos também caíram a 55%, número bem pior que o de produtos industriais. Além disso os agricultores não estavam mais aguentando pagar o preço das hipotecas, que haviam sido feitas enquanto o país ainda estava financeiramente bem, já que os produtos estavam em baixa e não se tinha renda para pagar os empréstimos sendo assim estavam ameaçados de perder a sua terra.

Para ajudar essa parcela da população o governo criou a Lei de Ajuste Agrícola, uma lei para ajudar os agricultores a recuperar suas propriedades com empréstimos que seriam pagos a longo prazo e em pequenas prestações, além disso foi criado a

Agência de Segurança Agrícola que serviu para coordenar as mudanças nas relações do campo entre outras iniciativas para ampliar e tornar mais justa a distribuição de recursos como terras, energia elétrica e água em escala nacional.

Além disso o Congresso criou a Tennessee Valley Authority (TVA), que transformou grandes áreas do vale do rio Tennessee em terras férteis e construindo represas hidroelétricas para o fornecimento de energia às regiões mais pobres dos EUA. A TVA ajudou os agricultores que tinham perdido suas terras para os bancos a recuperá-las e retomar a sua produção.

Outra coisa que o governo fez foi criar várias agências para regular tanto a produção industrial quanto a produção agrícola. Essas agências aumentaram bastante a máquina administrativa do Estado, entre elas estavam: o Federal Emergency Relief Authority (FERA) que fornecia subsídios e incentivos para a criação de empregos, o Civil Works Administration (CWA) que criou empregos diretamente ligados ao poder federal e que depois substituída pela Civilian Conservation Corps (CCC) que deu emprego a jovens no reflorestamento e na reforma de edifícios públicos, além da Agência de Obras Públicas que supervisionava dezena de milhares de projetos de infraestrutura bem como iniciativas culturais e artísticas incluindo nesses últimos o Projeto Federal de Escrita e o Projeto Federal de Teatro.

Os primeiros resultados do New Deal foram promissores, porém a Depressão continuou. Em 1934 através do NRA (National Recovery Administration) e aceito pelos empresários, os trabalhadores puderam se sindicalizar.

Em 1935 o Congresso aprovou a Lei Nacional de Relações de Trabalho, uma das mais ambiciosas do New Deal, que garantia o direito de os trabalhadores poderem se organizar e a instituição da Agência do Progresso Público (WPA), esta contratou milhões de pessoas para construir estradas escolas e hospitais além de escritores e artistas. O Congresso também aprovaria naquele mesmo ano a Lei de Seguridade Social, que estabelecia a criação de pensões, a assistência do governo federal para as famílias sem o pai e o seguro-desemprego.

“A fome e a pobreza extrema foram os grandes flagelos da década de 1930. A própria terra havia se tornado improdutiva” (Lepore, 2018, p. 487)

Os anos 30 não somente jogou os Estados Unidos em uma enorme depressão como acabou com qualquer vestígio dos anos dourados da década de 20, assim como

Gatsby protagonista do romance O grande Gatsby de Fitzgerald, os Estados Unidos via o seu sonho cada vez mais distante quase impossível de se alcançar, pois a Segunda Guerra Mundial conseguiu tirar os Estados Unidos da depressão, porém os anos 20 esse jamais voltaria.

4. O grande Gatsby

A voz de uma geração, foi assim que F. Scott Fitzgerald ficou conhecido por seus romances, e sua maior obra O grande Gatsby, um clássico norte-americano. O grande Gatsby foi escrito em 1925 por F. Scott Fitzgerald. Nascido em 24 de setembro de 1896 em St. Paul, Minnesota.

Cursou a faculdade de Princeton, porém por obter mau desempenho nas matérias cursadas não se formou. Dentro da faculdade Fitzgerald teve que lidar com situações e experiências que nem sempre tinham êxito, e diante a noção do fracasso em se graduar dá a Fitzgerald grandes temas que serão trabalhadas em praticamente todas as suas obras como: o sucesso advindo de uma grande derrota ou a ruína golpeando duramente após o triunfo.

Em 1917, Fitzgerald é recrutado para o exército, porém nunca chegou a servir na Europa. Ainda no exército, conhece sua futura esposa Zelda Sayre, uma moça de classe alta do Alabama. Ganhou fama com seu primeiro livro publicado em 1920, intitulado Este lado do Paraíso, a obra ganhou um sucesso instantâneo e é por meio do dinheiro que ganha com este livro que finalmente consegue se casar com Zelda.

Em 1922 Fitzgerald publica seu segundo livro chamado Os belos e os malditos, além de um livro de contos chamado Contos da Era do Jazz. Com o objetivo de buscar novas inspirações Fitzgerald se muda ainda nesse ano para Nova York, aonde ele se deslumbra com a riqueza e o poder que encontra na cidade, tal deslumbramento é significativo para a construção de seus personagens e que contribuiu para que o autor desenvolvesse um estilo próprio em sua escrita, como usar recursos de transformar o banal e o transitório em algo novo e interessante.

Ainda tentando se reinventar, Fitzgerald escreve sua primeira peça de teatro chamada The Vegetable, porém ao contrário de seus romances não vai bem de público e de crítica fazendo o autor voltar a escrever seus romances e lança em 10 de abril 1925 o que irá se tornar a sua grande obra, o Grande Gatsby, um romance que

capta a essência dos anos loucos e da vida hedonista e hipócrita da alta sociedade. Ele também escreve vários contos nessa época publicados em periódicos.

Em 1934 o autor lança *Suave é a Noite*, que retrata o romance de Dick Diver e sua mulher Nicole que sofre com esquizofrenia, fazendo um paralelo a situação do próprio autor e a de sua esposa o romance não é tão bem recebido nos Estados Unidos o que faz com que Fitzgerald se afaste da literatura e passe a escrever roteiros de cinema. Fitzgerald morre em 1940 proveniente de um ataque cardíaco, ele deixa ainda um romance inacabado chamado *O último magnata* que foi publicado e editado por um amigo seu.

Fitzgerald deixa uma grande contribuição a literatura norte americana pelos seus romances, contos e peças de teatro que se caracterizam pelo estilo e visão original do autor, exemplificadas através de seus personagens, suas cenas descritas com detalhes e frases que se encaixam no cotidiano do leitor, comprovando assim a eficácia e a atemporalidade do autor.

Seus escritos e seus romances passaram a fazer muito mais sucesso após a sua morte, o que provocou um aumento no interesse pelos temas abordados em suas obras e fazendo *O Grande Gatsby* um cânone da literatura norte americana e obrigatório nas escolas americanas.

O autor ficou conhecido por ser o porta voz de uma geração já que ao escrever para demarcar a década de 1920 como ela era acabou por popularizar isso.

O Grande Gatsby publicado em 1925, vai relatar esse o período dos anos 20 por meio do luxo e do materialismo embebido pelos seus personagens. A história trata de um grande conflito entre personagens da elite e através disso abordando vários temas, sendo o maior deles *O Sonho Americano*, fazendo assim um retrato e crítica de uma era e de uma sociedade.

O romance se passa em um verão da agitada Nova York quando nosso narrador Nick Carraway se muda para Nova York mais precisamente para a fictícia West Egg, o lar dos novos milionários, e entra para o negócio das ações em Wall Street. Logo ele passa a conviver com sua prima Daisy, seu marido Tom Buchanan e a jogadora de golfe Jordan Baker. Depois de ser o único convidado para uma festa de seu misterioso vizinho, Jay Gatsby, ele descobre um passado amoroso entre ele e sua prima Daisy a qual Gatsby está querendo reconquistar e pede para Nick que arranje um encontro com ela.

Gatsby e Daisy voltam a se relacionar e ele pede para que ela deixe o marido e fale para ele que nunca o tinha amado. Quem também começa um relacionamento é Nick e Jordan. Em um dia muito quente todos os personagens principais se reúnem na casa de Daisy para que ela faça o que tinha combinado com Gatsby, no começo Daisy está muito nervosa e pede para ir até a cidade, porém Tom não gosta da decisão e Gatsby a acalma e quando ela finalmente iria falar o que Gatsby esperava, Tom a interrompe dizendo que mudou de ideia e para eles irem à cidade.

Já na cidade Daisy não consegue dizer que nunca amou o marido e vai embora com Gatsby indo atrás dela. Nick, Jordan e Tom voltando mais tarde veem uma grande comoção na estrada, eles param e veem que Myrtle, amante de Tom, havia morrido. No final do romance Gatsby morre assassinado por Wilson, marido de Myrtle, achando que ele era o amante de sua esposa e Nick deixando a Costa Leste.

5. Símbolos presentes na obra

Há dois símbolos muito marcantes dentro da obra, um deles é a presença constante dos olhos do Dr. T. J. Eckleburg, indicando que os personagens estariam sendo observados por tudo e por todos. O Dr. T. J. Eckleburg é um cartaz de um oftalmologista encontrado na entrada do vale das cinzas, lugar que conecta West Egg e East Egg a Nova York:

“... percebe-se, após um momento, os olhos do dr. T. J. Eckleburg. Os olhos do dr. T. J. Eckleburg são gigantescos – suas retinas têm um metro de altura. Elas olham não a partir de um rosto, mas de um par de óculos amarelos enormes que passam sobre um nariz inexistente. Claramente algum oculista gaiato os colocou ali para engordar os ganhos de seu consultório no Queens, e depois mergulhou em eterna cegueira ou se esqueceu deles e foi embora. Mas os olhos do doutor, ligeiramente esmaecidos pelos muitos dias sem pintura, sob sol e chuva, meditam sobre aquele solene depósito.” (Fitzgerald, 1925, p. 57-59)

Uma possível interpretação seria a sugerida pelo comentário de Wilson ao observar o outdoor após a morte da sua esposa dizendo que Deus estava vendo tudo

sando assim ele representaria os olhos de Deus e faria uma simbologia para o olho que tudo vê.

Outro símbolo presente no romance é o da luz verde, localizada entre as casas de Daisy e Gatsby.

Essa luz verde tem diversas interpretações e todos perpassam por temas centrais do livro sendo eles: o amor de Gatsby por Daisy, porque essa luz vem do outro lado da baía, do lado em que Daisy mora com seu marido. O dinheiro, pela cor dos dólares americanos ser essa. A esperança que Gatsby tinha em obter tudo o que anseia, já que para Gatsby essa luz servia como um guia para tentar reconstruir seu passado. A história americana já que para Nick a luz verde se assemelha a própria história americana, já que a luz se elevava para fora do oceano, olhando para os primeiros colonos e suas promessas de uma nova nação e como última interpretação a luz verde seria a representação do sonho americano a que Gatsby acreditava intrinsecamente.

6. Nick Carraway: o narrador não confiável

O romance é contado sobre o ponto de vista de uma única pessoa, Nick Carraway, sendo assim a história é narrada em primeira pessoa e possuindo um narrador que também é um personagem, dessa forma temos um narrador não confiável.

Por ele ser um narrador não confiável, Nick só mostra o seu ponto de vista sobre Gatsby e todos os outros personagens e em muitos momentos mostrando os seus pensamentos sobre eles ao leitor. Para que o seu narrador ganhe a confiabilidade do leitor, Fitzgerald se utiliza da técnica de distanciamento como podemos ver nesses trechos:

“Quando eu era mais jovem e mais vulnerável, meu pai me deu um conselho que venho remoendo desde então.

-Sempre que você sentir vontade de criticar alguém – disse ele -, lembre-se que nem todo mundo teve os mesmos privilégios que você.

(...) Como consequência tendo a evitar julgamentos – hábito que levou a vários temperamentos curiosos a se abrirem para mim e

que também me tornou vítima de muitos chatos inveterados”
(Fitzgerald, 1925, p.1)

“Todo mundo suspeita ter pelo menos uma das virtudes cardeais, e esta é a minha: sou uma das poucas pessoas honestas que já conheci.” (Fitzgerald, 1925, p. 128)

Logo no primeiro capítulo Nick começa introduzindo a história nos contando um pouco mais sobre ele, dizendo que seu pai lhe deu um conselho na juventude para que ele julgasse menos as pessoas, contudo o romance inteiro ele julga todos os personagens como na passagem em que ele está bêbado:

“A intensa vitalidade, tão notável na oficina, converteu-se em impressionante altivez.” (Fitzgerald, 1925, p. 71)

“Daisy não era católica, e fiquei um pouco chocado com o requinte da mentira”
(Fitzgerald, 1925, p. 77)

A relação entre Gatsby e Nick começa envolta pelo mistério que envolve o personagem principal e se desenvolve de forma que Nick sempre está curioso em conhecer Gatsby, mesmo sabendo que Gatsby tenha contado várias mentiras sobre sua origem e como ele enriqueceu.

Em certo momento do livro Nick é apresentado a um parceiro de negócios de Gatsby, a conversa que se desenrola entre os três mostra tanto a Nick quanto aos leitores que Gatsby pode não ser uma pessoa em quem se possa confiar, pois mente e anda com pessoas que se envolvem com grandes falcatruas. Gatsby até mesmo chega a pedir que Nick trabalhe com ele, um convite que é negado, mesmo assim Nick não se distancia de seu vizinho formando com ele um grande laço de amizade.

Os dois formam uma dupla de opostos tanto na questão de pensamentos quanto de planos. Gatsby quer ser popular, rico e almeja uma mulher casada, já Nick é um homem contido, que prefere ter poucos amigos e que se muda para West Egg por iniciar seu trabalho na bolsa de valores.

Após o atropelamento de Myrtle, Nick pede para Gatsby fugir mesmo sabendo do histórico de corrupção do amigo, porém este não o escuta e acaba sendo assassinado por engano.

Gatsby e Nick tem visões diferentes do sonho americano, enquanto Gatsby acredita fielmente até seu último suspiro, Nick crítica em relação ao sonho americano quando percebe o que acontece com aqueles que acreditam

No capítulo final Nick decide deixar tudo para trás e voltar para o Meio Oeste. Porém antes disso ele volta até a mansão abandonada de Gatsby, chegando lá ele encontra uma obscenidade escrita na frente da casa e que ele apaga, indo até o gramado da casa ele vê o gramado de Daisy e faz reflexões sobre o que se passou e sobre as pessoas que cruzaram o seu caminho.

Sua reflexão nos mostra como a história de Gatsby exemplifica e está implicada a história dos americanos, a obscenidade que Nick apaga na frente da casa de Gatsby seria a demonstração da falha do sonho norte americano, só fazendo sentido quando passamos a parar de acreditar nesse sonho. O narrador mostra a importância do personagem protagonista, e mesmo que ele não acredite no sonho americano apoia o seu amigo e busca entendê-lo até o final do romance. É por meio dele também que se percebe o viés crítico que o autor pretendia relatar sobre o Sonho Americano.

7. Temas à la Gatsby

Um dos temas apresentados em O Grande Gatsby é o contraste entre o dinheiro velho (Old Money) e o dinheiro novo (New Money), representados respectivamente por Tom Buchanan e Jay Gatsby. Tom, um ex colega de faculdade de Nick e jogador de polo, vem de uma família de origem aristocrática e que possui dinheiro a muitas gerações, já Gatsby é o que chamamos de self-made man ou seja, ele veio de família pobre e constituiu riqueza sozinho.

Já outro tema se não o grande tema que O Grande Gatsby aborda é o Sonho Americano (American Dream), representado pelo personagem que dá nome ao romance e como ele é impossível de ser alcançado.

É um dos mitos mais duradouros da cultura americana, um conjunto de ideias de liberdade que incluem a chance de sucesso, prosperidade e maior mobilidade social para as famílias e crianças, alcançada através de trabalho duro em uma sociedade sem obstáculos.

É interessante notar como uma das temáticas da obra não é contemporânea a Fitzgerald, já que o nome sonho americano como uma expressão política só é cunhado em 1931.

8. Jay Gatsby: o retrato do sonho americano

O sonho americano é uma expressão usada para representar um ideal que já se percebe na formação do povo norte-americano desde o tempo da colonização dos Estados Unidos. Desde a época colonial se desenvolveu no pensamento e na fé dos colonizadores puritanos o conceito de povo escolhido e terra prometida, atribuída tanto aos americanos como ao território norte americano.

Ao longo do tempo o conceito do sonho americano que tinha sido criada através desse marco religioso foi transformada em um marco político com a independência do país e a formulação da Declaração da Independência dos Estados Unidos, que proclamou que "todos os homens são criados iguais" com direito a "vida, liberdade, propriedade e a busca pela felicidade" e foi utilizado por vários governantes americanos com o fim de divulgar uma imagem do país, construindo uma ideologia para demonstrar que os EUA seria a terra de oportunidades já que o que está no cerne desse ethos norte americano é a mobilidade social, ou seja a possibilidade de ascender socialmente para uma classe mais alta da que você nasceu.

Sendo assim, o significado do sonho americano seria acreditar que todo o homem (self-made man) é capaz de alcanças seus objetivos, sejam eles políticos, sociais ou econômicos desde que seja por meio de seu trabalho.

A partir de 1917 alguns americanos já começavam a entender que o consumismo e o marketing de massa os ensinavam o que eles queriam e que o aumento de sua fortuna seria medido pela compra de itens de luxo.

O termo foi cunhado por James Truslow Adams, em seu livro "The epic of America" de 1931 quando escreveu: "A vida deve ser melhor e mais rica e mais plena para todos os homens, com oportunidade para cada um de acordo com a sua capacidade ou realização" (LAITMAN, 2013, p.37 apud TRUSLOW, 1935, p. 415).

Nos primeiros anos da grande depressão, o livro de Adams gerou um grande debate nacional sobre a promessa da América como um lugar que promove o valor legítimo de cada homem ou mulher, cujo os esforços deveriam ser restringidos por nenhum obstáculo além das suas próprias naturezas.

Dois anos depois, um artigo do New York Times observou que ficar rico rapidamente em jogos de azar foi a ruína da vida americana antes da quebra; foram também esses homens que enriqueceram rapidamente que causaram a própria quebra em 1929.

Em 1933, Adams escreveu no New York Times sobre a forma como o sonho americano havia sido sequestrado:

"Ao longo de nossa história, o ouro puro desta visão foi fortemente ligado com a escória dos objetivos materialistas. Não só as escalas salariais e o nosso padrão de vida pareciam prometer riqueza ao imigrante pobre, mas a extensão e a riqueza natural do continente à espera de exploração ofereciam aos americanos que possuíam ações oportunidades de fortunas rápidas que ganhar dinheiro e desfrutar daquilo que o dinheiro pode comprar tornou-se muitas vezes o nosso ideal de uma vida plena e satisfatória. A luta de cada um contra todos pelos prêmios deslumbrantes destruiu, em certa medida, tanto os nossos ideais privados como o nosso sentido de obrigação social". (Adams em artigo no The New York Times, 1933)

À medida que a Depressão se aprofundava, livros como Quem é o dono da América? Uma Nova Declaração de Independência discutia como "o capitalismo monopolista é moralmente feio e economicamente insalubre", que na América "a grande maioria deveria ser capaz – de acordo com os princípios do sonho americano de contar com a vida numa atmosfera de igualdade, num mundo que coloca relativamente poucas barreiras entre homem e homem."

Parte do problema, porém, era que o próprio sonho estava sendo destruído pelos "amigos das grandes empresas, que desonram o sonho dizendo que já foi realizado".

A expressão "sonho americano" foi inventada para descrever um fracasso, não uma promessa: ou melhor, uma promessa quebrada, um sonho que vacilava continuamente sob o capitalismo monopolista desenfreado que colocava uns contra os outros; e não é coincidência que tenha sido popularizado pela primeira vez durante os primeiros anos da grande depressão.

Em 1925 a maioria dos americanos ainda perseguia imprudentemente o sonho americano, ano em que Fitzgerald terminou O Grande Gatsby, porém o fracasso iminente já estava no ar.

Ao ser lançado o livro foi fracasso tanto comercial como crítico o que não viria a acontecer quando foi aclamado como uma obra-prima nos anos 50, uma vez que foi revelado o seu conteúdo quase que profético.

Em 19 de outubro de 1929, apenas cinco dias antes da quebra da bolsa de Nova York e 10 dias antes da Terça-feira Negra, Scott Fitzgerald publicou uma história agora esquecida chamada "The Swimmers", sobre um americano que trabalhava para o ironicamente Promissory Trust Bank, nesta história os ideais americanos foram corrompidos pelo dinheiro. Esta corrupção é simbolizada pela infidelidade sexual: assim como em Gatsby, Fitzgerald usa novamente o adultério para sugerir um mundo de promessas quebradas e traições.

O sonho americano torna-se realidade para apenas o 1% enquanto para os outros 99% sobra apenas o descontentamento, a amargura e o ressentimento em larga escala.

Mais de 15 anos depois, os críticos marxistas Theodor Adorno e Max Horkheimer usaram uma imagem semelhante à da personagem de "The Swimmers" para revelar como sonho americano é uma loteria fraudada que ninguém ganha, mas todos jogam.

É interessante notar a entrevista que Fitzgerald deu a um jornalista dois anos depois de publicar O Grande Gatsby. Conhecido como a voz e a personificação da era do jazz, seu produto e seu beneficiário, um romancista popular, roteirista de cinema, um morador de palácios dourados, o repórter descobriu, em vez disso, para a ironia disso tudo, que Fitzgerald estava prevendo a desgraça, morte e condenação de sua geração.

O repórter mesmo disse que ele parecia um Sampson intelectual prevendo que as colunas de mármore do Plaza Hotel iriam desmoronar. A "profecia" absurda de Fitzgerald era que a América enfrentaria um grande teste nacional num futuro muito próximo:

"A ideia de que somos as melhores pessoas do mundo porque temos mais dinheiro no mundo é ridícula. Espere até que esta onda de prosperidade acabe! Espere dez ou quinze anos! Espere até a próxima guerra no Pacífico, ou contra alguma combinação europeia!... Os próximos quinze anos mostrarão

quanta resistência existe na raça americana." (Fitzgerald em entrevista, 1927)

"Nunca houve uma tragédia americana", concluiu Fitzgerald. "Só houve grandes fracassos."

Em *O Grande Gatsby* esse sonho é representado pelo personagem que dá nome ao romance e como ele é impossível de ser alcançado. Gatsby é um self-made man, ou seja, um homem que fez fortuna sozinho que está tentando transpor o obstáculo social para ser merecedor do amor de Daisy, uma moça da aristocracia, fazendo com que o romance se mescle com a história e a cultura norte-americana e trazendo uma crítica sociocultural como pano de fundo para a história.

Ao sermos apresentados a figura de Jay Gatsby pela narração de Nick Carraway no primeiro capítulo da obra, temos a seguinte frase:

"Só Gatsby, o homem que empresta seu nome a esse livro, estava isento da minha reação – Gatsby, que representava tudo o que me causava um sincero desprezo. Se a personalidade for uma sequência ininterrupta de gestos bem sucedidos, então havia nele algo de belo, uma sensibilidade profunda para as promessas da vida como se ele tivesse alguma ligação com aquelas máquinas intrincadas que registram terremotos a dez mil quilômetros de distância. Essa capacidade de resposta nada tinha a ver com aquela característica frouxa das pessoas impressionáveis o que ganha o digno nome de "criatividade" - era um dom extraordinário para a esperança, uma disposição romântica como jamais encontrei em outra pessoa e que provavelmente jamais voltarei a encontrar." (Fitzgerald, 1925, p. 18-19)

Ou seja, para Nick, Gatsby representava tudo o que ele mais odiava, essa esperança fervorosa que chegava a ser quase como uma disposição romântica, mas que também o fazia o admirá-lo.

Ainda sobre a figura de Gatsby, temos todo um ar de mistério em volta dele, de sua fortuna e de suas origens. No capítulo 3 quando Nick está na festa na casa de Gatsby os convidados tentam adivinhar coisas sobre essa figura misteriosa algumas achavam que tinha matado alguém, outras que ele tinha sido um espião, outros que

ele tinha crescido na Alemanha e já outros achavam que ele era americano já que tinha lutado pelo exército norte-americano na Primeira Guerra

Sendo assim as pessoas que frequentavam a casa dele todas as noites não faziam nem ideia de quem Gatsby seria e faziam suposições sobre quem seria o anfitrião daquelas festas.

Ainda no capítulo 3, o personagem de Gatsby aparece pela primeira vez na história e Nick narra a impressão que acabou de ter sobre Gatsby:

“Ele deu um sorriso compreensivo – muito mais do que compreensivo. Foi um daqueles raros sorrisos que trazem eterno conforto, algo com que você se depara quatro ou cinco vezes na vida. Por um instante ele encarava -ou parecia encarar o mundo exterior como um todo, e depois se concentrava em você de um modo irresistivelmente parcial ao seu favor. Aquele sorriso compreendia você até o ponto em que você desejasse ser compreendido, acreditava em você como você mesmo gostaria de acreditar e te dava a convicção de estar recebendo exatamente a impressão que, naquele momento, você desejaria transmitir.” (Fitzgerald, 1925, p. 106)

Aqui Nick narra o sorriso de Gatsby e como ele é potente, mostra o eterno otimismo do personagem além de mostrar como que Gatsby se mostra para os outros. Tal dinâmica faz com que Gatsby mostre a sua capacidade de encantar as pessoas ao seu redor e como ele consegue ser admirado por elas.

Até esse momento tudo o que se sabe sobre Gatsby é os rumores que foram espalhados e que ele mesmo corrobora no mesmo capítulo, porém no capítulo seis do romance ficamos sabendo realmente quem é Jay Gatsby:

“James Gatz – esse era seu verdadeiro nome, ou pelo menos do ponto de vista legal. Ele mudara de nome aos dezessete anos, exatamente no momento que testemunhou o princípio de sua carreira – quando ele viu o iate de Dan Cody lançar âncora na baixada mais traiçoeira do Lago Superior. (...) Seus pais eram agricultores ineptos e malsucedidos – a imaginação dele jamais os aceitou como seus pais. A verdade era que Jay Gatsby, de West Egg, Long Island, surgiu da concepção platônica que ele

tinha de si mesmo. Ele era filho de Deus – uma frase que, se é que significa algo, significa exatamente isso – e devia cuidar das coisas do Pai, o culto a uma beleza imensa, vulgar e espalhafatosa. Por isso inventou exatamente o tipo de Jay Gatsby que um garoto de dezessete anos provavelmente inventaria, e se manteria fiel a essa concepção até o fim.” (Fitzgerald, 1925, p. 192-193)

Sua origem humilde é revelada para Nick em uma conversa entre ele e Gatsby. Podemos notar o quanto o protagonista já desde os seus 17 anos tem uma visão de si mesmo e não é a que está apresentada em sua frente, assim dentro de sua mente o jovem James cria uma persona de um aristocrata cheio do dinheiro que vai seguir até o seu último suspiro. Tanto neste trecho como no anterior mostram essa concepção platônica que Gatsby tinha de si mesmo e o quanto ele acreditava que conseguiria ascender socialmente, ou seja, o quanto ele acreditava no sonho americano.

A primeira crítica que o autor faz a esse sonho americano é a maneira como Gatsby faz sua fortuna por maneiras ilícitas e não de maneira justa. Em 1920 a lei seca estava em voga, proibindo totalmente a venda de bebidas alcoólicas, assim pode-se deduzir que tenha sido essa a forma de Gatsby de conseguir fortuna já que Tom no final da obra o acusa de fazer negócios ilegais por meio de sua rede de farmácias e a sua sociedade com o sr. Wolfsheim que era famoso por manipular o resultado do campeonato de beisebol de 1919, entre outras pistas que o autor deixa ao longo do romance.

O romance entre Daisy Buchanan e Jay Gatsby também faz parte da crítica ao sonho americano.

“Sabia que, quando beijasse aquela garota e fizesse para sempre uma aliança entre suas infáveis visões e o hálito perecível dela, sua mente jamais voltaria a brincar como brinca a mente de Deus.” (Fitzgerald, 1925, p. 217-218)

Quando Gatsby conhece Daisy Fay, seu nome de solteira, seus objetivos “mudam”, antes o se era um sonho de subir na vida e enriquecer sozinho, agora ele queria ter Daisy ao seu lado neste sonho. Por isso que depois de conseguir sua

fortuna, Gatsby se muda para uma casa do outro lado da baía da casa de Daisy e dá várias festas luxuosas, para que talvez ele possa chamar a sua atenção.

Ao ler a primeira vez o romance se tem a sensação de que Daisy Buchanan e Jay Gatsby eram amantes perdidos e que seu romance era realmente trágico. Porém em uma segunda releitura parecia que ambos não estavam realmente apaixonados, mas apegados a idealização que fizeram um do outro. Veja Daisy está presa em um casamento sem amor e vê em Gatsby uma maneira de fugir, já Gatsby sempre idealizou Daisy e via nela tudo aquilo que sonhava: dinheiro, status social e um passado que quer ser resgatado. Isso pode ser observado em dois momentos distintos da narrativa, a primeira com Gatsby falando que a voz de Daisy é cheia de dinheiro.

“– Ela tem uma voz indiscreta – observei – Cheia de... - Hesitei

- A voz dela é cheia de dinheiro – disse ele, de repente” (Fitzgerald, 1925, p. 230)

E a segunda quando Daisy não consegue negar que nunca esteve apaixonada pelo seu marido assim como Gatsby queria:

“- Por favor, pare. – A voz dela estava fria, mas o rancor tinha desaparecido. Ela olhou para Gatsby. – Pronto Jay – disse Daisy, mas a mão dela tremia enquanto tentava acender um cigarro. De repente ela jogou o cigarro e o fósforo aceso no carpete. – Ah, você está exigindo demais! – ela gritou para Gatsby. – Eu te amo agora, isso não basta? Não tenho como mudar o passado. – Ela começou a chorar desamparada. – Cheguei a amar Tom, mas eu também te amei.

(...) - Mesmo que sozinha, não posso falar que nunca amei Tom – admitiu ela, com uma voz triste. – Não seria verdade” (Fitzgerald, 1925, p. 251)

Ao final do romance a amante de Tom Buchanan, Myrtle, é morta pelo carro de Gatsby, que mais tarde ficamos sabendo que quem estava dirigindo era Daisy e o marido de Myrtle, Wilson, vai em busca de vingança achando que o culpado da morte de sua esposa é Gatsby.

“Desse modo, o romance personifica esse ideal do sonho americano na figura ficcional de Gatsby e, com o seu final trágico, o desconstrói. Por essa perspectiva, Fitzgerald tece uma crítica a esse produto do imaginário norte-americano, que, por mais que se juntasse dinheiro, isso não era o suficiente, em uma sociedade estratificada, dividida em classes, a mobilidade não

passa de um sonho, ou seja, de uma ilusão.” (Fitzgerald, 1925, p. 14)

As últimas palavras do romance corroboram com isso, mostrando que não importa o quanto nós acreditemos nesse sonho, como Gatsby fez, ele irá ficar cada vez mais distante:

“Gatsby acreditava na luz verde, no futuro orgástico que ano após ano retrocede diante de nós. Esse futuro escapou antes, mas não importa – amanhã vamos correr mais rápido, estender nossos braços mais longe... E numa bela manhã... E assim continuamos, barcos contra a corrente, impelidos incessantemente rumo ao passado.” (Fitzgerald, 1925, p. 329)

Bibliografia:

Churchwell, Sarah. The Great Gatsby and the American dream. The guardian, 25 de maio de 2012. Cultura. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2012/may/25/american-dream-great-gatsby>

Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Trad. Português. Rogério Galindo. Editora: Antofágica, 2020

Hermes, Ernani. À LUZ DO DREAM: A FIGURAÇÃO DO PERSONAGEM EM AMERICAN THE GATSBY, DE F. SCOTT FITZGERALD GREAT. Conversas remotas, p.1-15, 2020.

Lepore, Jill. Estas Verdades. 1ª edição. Intrínseca, 2020

Silva, Amanda. The Great Gatsby: O despertar de um sonho inconcebível. 2017. Monografia (Bacharel em Letras) - Letras. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

Tota, Antonio Pedro. Os Americanos. 1ª edição. Editora Contexto, 2009